POR QUE NÃO PROGREDIMOS NA VIDA RELIGIOSA?

Swami Paratpararananda[1]

Editorial da revista *Vedanta Kesari* - junho 1966; Vol. 53

ESTA é uma pergunta que persistentemente surge ou deveria surgir na mente de um aspirante espiritual genuíno. Pois é o modo pelo qual pode avaliar o seu próprio progresso – não para exaltar-se – mas para descobrir os impedimentos que obstruem seu caminho e buscar os meios necessários para vencer esses obstáculos; em resumo, é um indicador para a autoanálise. E a autoanálise para uma pessoa religiosa é tão essencial quanto é a respiração para um ser vivo. Sem autoanálise se torna apto a mergulhar na autocomplacência que não está longe do egocentrismo.

Vamos examinar onde para o homem é provável tropeçar na atual situação. Antes de tudo é importante notar que temos que começar com o equipamento que possuímos – uma mente que vaga, vacilante e sem controle. No contexto antigo [épocas passadas na Índia], percebemos, a situação era totalmente diferente, as pessoas tinham um diferente modelo, um plano de vida, com relação a vida espiritual. Havia um sistema de se viver com o preceptor, que era um homem avançado espiritualmente. O mestre estava lá para testar os discípulos e regular suas vidas para que não estagnassem; isso fluía em direção a meta suavemente. Além disso, sob o antigo sistema o conhecimento das escrituras era transmitido muito cedo na vida. Toda a atmosfera se tornava propícia ao saudável crescimento do corpo, mente e espírito. Nós não temos hoje muitas destas vantagens fundamentais, ao invés disso somos sobrepujados por um ambiente antagonista e ateístico. Nossa educação tornou-se academicamente orientada e motivada pelo dinheiro. Religião tornou-se um tabu para muito. Dificultados e oprimidos por este clima pesado, não conveniente ao crescimento da religião, ainda temos muito que

[1] Swami Paratpararananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

avançar.

O que significa progresso na vida espiritual? Como podemos saber sobre isso? Não podemos conhecer sobre o crescimento espiritual de outra pessoa, pois não é como conhecer o crescimento físico notável de fora. Nem é algo que os instrumentos científicos e tecnológicos atuais podem revelar. Não está relacionado com o corpo ou seus órgãos internos superficialmente. É a mente que cresce e muda, que se expande e é iluminada, que derrama suas sementes de egoísmo e apresenta buquês de variados tons desse egoísmo. E quem pode julgar isso, exceto ela própria? Como podemos estar certos de não cometermos erros em tais julgamentos? Bem, existem alguns códigos pelos quais podemos garantir e evitar que superestimemos nosso progresso e sermos vítimas da vaidade. Um desses é a ausência da própria vaidade. **O orgulho de santidade é talvez o pior tipo de vaidade que se prende ao homem e só o deixa com muita dificuldade.** A atitude "mais santo do que você" não é o solo apropriado para germinar as outras tendências favoráveis ao caminho espiritual. Se tal atitude surgir em nossas mentes podemos estar certos de que nosso progresso é interrompido. Pois quem pode saber qual instrumento o Senhor gostaria de usar para manifestar santidade e conhecimento? Não existem os exemplos de estudantes que eram orgulhosos de sua sabedoria foram humilhados por seus preceptores, fazendo um entre eles, a quem desprezavam, tomar o papel de preceptor? Existe a estória de Totaka, um discípulo de Sri Shankara, que parecia um estúpido em seus estudos, mas era grande e sobressaiu no serviço pessoal ao seu Guru. A estória continua com os outros discípulos de Shankara que o olhavam quase com desdém. Um dia, quando todos, exceto Totaka, estavam reunidos para as suas lições diárias, os discípulos perguntaram a Shankara, por que ele não iniciava a lição. Sri Shankara notou o desprezo pelo discípulo ausente, vendo o que estava atrás dessas palavras. Sem uma palavra o mestre esperou pelo discípulo, até então ausente, chegar. E quando ele chegou Sri Shankara pediu a ele que tomasse o seu lugar [do preceptor] e desse a aula nesse dia. Não houve nenhum protesto de Totaka e nenhuma objeção dos outros. Sri Shankara, com seu comando, infundiu no discípulo (Totaka) o conhecimento que era necessário para explicar as complexas verdades da filosofia. Assim vemos quão pouco conhecemos sobre a vontade de Deus. Portanto não deveria haver lugar para qualquer tipo de vaidade em um homem santo, e aqueles que querem seguir os seus passos devem também afastar-se disso.

Podemos lembrar aqui aquela oração introdutória que é feita antes do canto do *Gītā*: "Aquele por cuja graça o mudo fala eloquentemente, o aleijado cruza as montanhas, a Ele, Mādhava, que é suprema bem-aventurança, eu me

prosterno." Se um Swami Vivekananda pode dizer, "Milhares de Vivekanandas podem surgir através de um gracioso olhar de Sri Ramakrishna", não é absurdo de nossa parte atrever-nos a ter uma atitude de superioridade? Sempre que essa atitude penetrar em nossas mentes, façamos a pergunta, "O que já consegui para querer ditar aos outros, como de um pedestal de julgamento, o que devem fazer ou não fazer? Por acaso realizei aquele Supremo para poder me envaidecer e pavonear-me por aí?" Sabemos que pais que são muito cuidadosos com o bem-estar de seus filhos nunca os elogiam em suas presenças para que não se envaideçam pelo progresso que fizeram em seus estudos, pois existe a possibilidade de que fiquem demasiado envaidecidos e se nós pudermos lembrar que "o orgulho vem antes de uma queda", seríamos cautelosos. Aqui temos como exemplo a estória de Svetaketu. Svetaketu foi enviado por seu pai para aprender sob os cuidados de um preceptor e após retornar ao completar o período requerido de permanência com o Guru, o pai notou que o filho demonstrava sua vaidade e indiferença. O pai ficou perturbado, pois ele mesmo era um preceptor por excelência e sabia como impedir uma possível queda de seu filho. Um dia se dirigiu a ele, "Meu filho, por que se comporta como se fosse alguém com elevadas realizações? Por acaso você conheceu *Aquilo que escutado, tudo se se torna escutado, conhecendo o qual, tudo se torna conhecido*? O filho ficou surpreendido e ficou intrigado. Gaguejando disse, "Como pode ser isso, pai? Eu nunca escutei isso, talvez meu mestre não conheça isso. Por favor, me instrua você mesmo sobre isso."[2] Por essa questão levantada por seu pai, parece que apenas um homem de conhecimento, um homem de realização tem o direito de tornar-se orgulhoso e afastar-se do mundo. Não há dúvida de que somente tal pessoa tem o direito de agir assim, se tivesse, mas são essas mesmas pessoas que realizaram a unidade da existência, de Deus em tudo e tudo em Deus, que são as mais humildes. Não há fingimento de humildade neles, nem ela é cultivada. Deles é uma humildade espontânea. Por isso o que o mestre mostra é que a vaidade nos outros é imperdoável, e que não há vaidade nos conhecedores de Deus e se parecem ser indiferentes ao mundo, isso é consequência de que neste estado eles negligenciam até seus próprios corpos. Pois é um estado onde não veem ou escutam nada exceto a Deus. Para eles a criação, seus próprios corpos também, se parecem como coberturas sem uma substância. A Substância, a Consciência que eles percebem não tem destruição. Em que outro lugar você encontrará homens-divinos tão afetuosos e humanos para os problemas da vida, que as pessoas se aproximam e se juntam por socorro e consolação? Quando a mãe que tinha perdido seu único filho, correu

[2] Chandogya, VI.i.3&7.

até Buddha carregando o corpo de seu filho e lhe pediu que restaurasse sua vida, não foi ele o ser mais compassivo e consolador? Não sentiu ele a dor da mulher assolada pelo sofrimento? Mas ele era um sábio, vindo ao mundo para ensinar a evanescência de toda a criação e não os iludiria mais do que já estavam. Ainda assim ele não deu um discurso sobre filosofia para aquela mãe. Ao invés disso, ele lhe pediu que trouxesse algumas sementes de mostarda de uma casa que não tivesse conhecido nenhuma dor pela separação (de entes queridos), que ele traria de volta a vida seu filho. Não era isso a verdade? Ao mesmo tempo não iria ferir a sensibilidade da mãe enlutada. Também muitas pessoas enlutadas vieram até Sri Ramakrishna e foram consoladas. Para um deles ele disse, "Não é natural que aqueles que perdem um filho, que é como parte de si mesmo, se sintam deprimidos e desamparados?" Então ele citou seu próprio caso, "Quando Akshaya (o sobrinho de Sri Ramakrishna) morreu, eu estava ao lado dele e vi sua alma deixando o corpo, como se uma espada estivesse sendo retirada da bainha e eu ri. Mas, mais tarde, por três dias eu senti que meu coração estivesse sendo torcido como uma toalha molhada. Se isto acontece comigo, quanto mais você não sentirá? Mas a morte persegue o homem em toda parte, portanto esteja preparado." Então ele cantou uma canção com sua voz encantadora, com grande sentimento que aliviou o coração da pessoa enlutada como um bálsamo. Portanto se alguém tiver a impressão que um homem-divino não tem sentimentos, esse será o mais infeliz engano. Mas sua simpatia é genuína e de nenhum modo formal ou apenas palavras saídas da boca.

Nós vemos que todos os grandes mestres eram de opinião que a humildade é o solo onde outras virtudes poderiam brotar e prosperar. Sri Ramakrishna disse, "A água da chuva não se junta nos montes e elevações. Ela escorre e se junta em lugares baixos". Da mesma forma podemos assumir que todas as virtudes se acumulam nos humildes apenas.

II

Fazemos algumas austeridades, praticamos algum tipo de *sādhana* [práticas espirituais], sonhamos com divindades ou vemos figuras santas e divinas e pensamos que já atingimos muito e não há nada mais para alcançar. Enquanto tudo isso é muito bom e não é nada para rebaixar de nenhuma forma, concluir que um se tornou mais santo do que outro, que não teve a sorte de experimentar nenhuma dessas coisas, é uma atitude totalmente fora de sintonia com a vida religiosa. Sri Krishna nos dá uma ideia sobre o modo que os devotos se comportam quando se encontram, "Aqueles que entregaram suas mentes a

Mim, cujos órgãos sensórios estão dedicados a Mim, eles, explicando e falando sobre Mim entre si, estão sempre satisfeitos e felizes,"[3] Falar sobre o Senhor nos faz esquecer nossas pequenas personalidades. Somos elevados a uma esfera superior de onde, pelo menos durante certo tempo, todas as coisas do mundo aparecem como mesquinhas, frívolas e frágeis, não sendo dignas de qualquer atenção. Sob tais circunstâncias, como pode alguém, tendo praticado alguma *sādhana* desprezar alguém? Como pode a arrogância dominar sua mente? Nada disso deveria ser capaz de capturar ou influenciar as mentes dos devotos se seus esforços tem sido sinceros, se suas práticas forem corretamente dirigidas. O próprio fato de sermos incapazes de vencer essas desvantagens deve fazer-nos conscientes de que nossos esforços são insuficientes ou que nossos desejos internos são contrários e mais fortes. Se nestas circunstâncias se fizer um pouco mais de austeridades ou coisas do gênero, como pode clamar por qualquer tratamento excepcional ou preferencial de outros? **Por outro lado, se fizer qualquer ato religiosos com vistas a ganhar nome e fama ou reconhecimento, derrota-se o próprio propósito pelo qual eles foram feitos**. A meta da religião é realização, emancipação e não ficar preso a este *sāmsara* [ciclo de nascimento e morte, renascer, etc., quase interminável]. Já temos muitos e suficientes impedimentos que nos prendem a ele e não temos que adicionar mais. Sri Krishna nos diz sobre algumas dessas características que nos farão retornar a este círculo de contínuos nascimentos e mortes. "Ostentação, arrogância, vaidade, raiva, crueldade e ignorância,"[4] são algumas das qualidades que são denominadas demoníacas e que precisam ser exterminadas de nossas mentes. Na verdade, são estas e outras de natureza similar, que nos derrubam, não nos permite elevar-nos. Elas são como o lastro do balão. Mas ao contrário do lastro, que somos livres para jogar para fora à nossa vontade, estas qualidades ou características se prendem a nós com tenacidade uma vez que permitimos e demos lugar a elas. Nos livrar apenas de uma delas, é trabalho para uma vida inteira. Devemos então permitir que se apoderem de nós? Conscientemente não devemos permitir e muito cuidado devemos tomar para que de forma sorrateira isso não aconteça. Por fim, não menos agressivas entre essas paixões são a luxúria e a cobiça. Vemos que o mundo inteiro se move devido a essas duas paixões. Analisem os motivos de todas ações no mundo inteiro, sejam de nações ou de indivíduos, e descobrirão a verdade dessa declaração. Por isso Sri Ramakrishna disse uma vez, "*Māyā*[5] é constituída por luxúria e cobiça apenas". Estas [paixões] cobrem a inteligência do ser humano e o afastam de seu ideal.

---

[3] Bhagavad Gita, X, 9.
[4] Idem, XVI, 4.
[5] Ilusão. Mais significados descritos em "O que é Māyā" em http://estudantedavedanta.net/O-que-e-Maya.pdf

Não é necessário para nós detalhar as ações de cada tendência má. Nós já o fizemos com uma delas e o malefício que é capaz de fazer; as outras são igualmente maléficas ou até mais ainda.

III

Precisamos saber que a mente não pode tornar-se um vácuo. Ela necessita de algo para conter em si mesma. Portanto, um bom método para eliminar as más tendências é infundir, colocar boas tendências nela. Sri Krishna lista as boas tendências no *Gītā* como segue: "Destemor, pureza de coração, firmeza na yoga do conhecimento, benevolência, autocontrole, sacrifício, estudo das escrituras, austeridade, franqueza, não ferir a ninguém, veracidade, ausência de raiva, renúncia, paz, ausência de calúnia, bondade pelos seres, ausência de cobiça, gentileza, modéstia, constância, coragem, perdão, fortaleza, pureza, ausência de ódio e orgulho – estas são, ó Arjuna, as posses daqueles nascidos com dons divinos."[6] Portanto, junto com nossas práticas espirituais devemos absorver alguns desses divinos atributos pouco a pouco. Pode não ser possível para nós possuí-los todos ao mesmo tempo. Mas se tentarmos e rezarmos a Deus sinceramente seremos capazes de absorvermos a maioria dessas boas tendências, que por sua vez, nos prestarão um grande serviço. Mesmo a posse de apenas uma dessas qualidades é um dom na vida espiritual.

Uma característica comum difícil de ser erradicada é ciúme. O remédio indicado por Sri Ramakrishna para todas as paixões é dirigi-las para Deus. 'Tenha ciúme de Deus, de que Ele mostrou Seu favorecimento por outros com visões divinas e bençãos e não a você.' Qual o significado da declaração acima? Num primeiro olhar parece um pouco mais do que os olhos encontraram; mas se você ponderar sobre ela realizará que não é o ciúme que está sendo enfatizado e sim o direcionamento [do ciúme] a Deus – um processo que faz uma pessoa naturalmente pensar em Deus, orar a Ele com muito anelo para que se revele. Neste processo, você se esquecerá do ciúme e se lembrará de Deus apenas. Se examinarmos os hinos e canções compostas por poetas-santos, ficaremos comovidos em ver como constante e intimamente eles argumentaram ao se comunicarem com Deus. Canta um poeta:

Que delírio febril é este que sofro!
Ó Mãe, Tua graça é minha única cura.
O falso orgulho é a febre que tortura minha forma enfraquecida;

[6] Bhagavad Gita, XVI.1-3.

"Eu" e "meu" são meu clamor, oh, que ilusão cruel!
Minha sede insaciável por riqueza e amigos nunca cessa;
Como, então, sustentarei minha vida?
Falar sobre coisas irreais, este é meu delírio miserável,
E eu me envolvo nisso sempre, Ó Dadora de todo bom destino!
Meus olhos em sono aparente estão fechados, meu estômago está cheio
Com os vis vermes da crueldade.
Ai de mim! Eu vago absorvido em ações sem significado;
Mesmo pelo Teu santo nome eu não tenho nenhum gosto, Ó Mãe!
Eu duvido que algum dia serei curado dessa doença.[7]

Somente um aspirante que passa seu tempo em cantar para Deus é consciente de sua pequenez e mesmo enquanto ora pode cantar '**Mesmo pelo Teu santo nome eu não tenho nenhum gosto**'. Esta será nossa atitude quando estivermos progredindo no caminho espiritual. O que quer que façamos, sentiremos que é um esforço insuficiente, comparado com a bem-aventurança que está nos esperando no final. Por que então se importar com um pouco de nome e fama e reconhecimento aqui? Vamos nos perguntar sempre que este pensamento de nome [e reconhecimento] nos atacar: Qual a utilidade deste nome e fama enquanto vivermos? Quem se lembrará de você após sua partida? Que benefício irá receber desta lembrança, se houver? Para todas estas questões você receberá algumas respostas vagas e insatisfatórias. **Tudo é vaidade**, esta será sua conclusão. Mas pense na quantidade de bem você fará a si mesmo e a outros ao seu redor se viver uma vida sem ostentação, de pureza, sem raiva e ciúmes. Mais ainda, quem pode dizer que não atingirá a meta desejada se apenas persistir em sua *sādhana* isenta de qualquer motivação a não ser o amor por Deus?

Pensamos que somos incomodados e perseguidos por outros. Vejam uma canção:

Ó Mãe, eu não tenho ninguém para culpar:
Ai de mim! Eu afundo no poço que estas minhas próprias mãos cavaram.
Com as seis paixões[8] *como minha pá,*
Cavei um fosso nesta sagrada terra;
E agora jorra a água escura da morte!
Como posso me salvar, Ó Libertadora?

[7] The Gospel of Sri Ramakrishna, 1947 Edn. P.138.
[8] Luxúria, ira, avareza, ilusão, orgulho e inveja; El Evangelio de Sri Ramakrishna, Tomo I, pág. 79.

Com certeza eu tenho sido meu próprio inimigo;
Como posso repelir esta escura água da morte?
Veja, a água chega ao meu peito!
Como posso me salvar? Ó Mãe, salva-me!
Tu és meu único refúgio; com Teu olhar protetor,
Leve-me para a outra margem do mundo![9]

'Eu tenho sido meu próprio inimigo', esta é a ideia correta. Sri Krishna também afirma no *Gītā*, "Eleve-se pelo Ser [Superior], não rebaixe a si mesmo. Pois só o ser é o amigo de si mesmo e só o ser é o inimigo de si mesmo. O ser é o amigo daquele que conquistou o ser [inferior] pelo Ser e para aquele sem controle, o ser (inferior) atua como seu inimigo".[10] Ninguém pode nos prejudicar espiritualmente a menos que permitirmos ser prejudicados. Se é assim, por que odiamos outros e criamos mais problemas para barrar nosso progresso? Busque em sua própria mente cada vez que tiver raiva de alguém por um suposto erro que foi cometido contra você e você descobrirá que havia algum desejo em você que foi frustrado. Desejos não fazem nenhum bem para aquele que quer escapar deles. Sabendo disto como podemos nos sentir inimigos daqueles que impedem estes desejos de serem cumpridos? Tudo isso indica que não há nada além de nossas mentes que seja responsável por sermos aprisionados e estarmos em dificuldades. Se este fato é firmemente compreendido então muitas das tendências desfavoráveis em nosso caminho poderão ser superadas e muito da energia desperdiçada em preocupação e raiva, poderá ser preservada. Por acaso temos a coragem de culpar a nós mesmos [pelas más tendências]? Se tivermos, ganharemos muito e saberemos o que está impedindo o nosso progresso.

• • • •

Esse artigo foi traduzido do original em inglês por um estudante da Vedanta. O original em inglês encontra-se em: http://www.estudantedavedanta.net/why_do_we_not_make_progress_spiritual_life.pdf

[9] The Gospel of Sri Ramakrishna, 1947 Edn. P.138.

[10] Gita, VI.5&6.